

## OFICINA PERCURSOS URBANOS COM TIPOS NA FRONTEIRA BRASIL URUGUAI: CHUÍ-CHUY; JAGUARÃO-RIO BRANCO

LUCAS BOEIRA BITTENCOURT<sup>1</sup>; LARISSA MÖRSCHBÄCHER<sup>2</sup>; ANA PAULA  
VIEIRA<sup>2</sup>; JUNCRIIS NAMAYA JUNIOR<sup>2</sup>; Prof.<sup>a</sup> ANA LÚCIA COSTA DE  
OLIVEIRA<sup>2</sup>; Prof. SYLVIO ARNOLDO DICK JANTZEN<sup>3</sup>:

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo –  
[lucasbobi@hotmail.com](mailto:lucasbobi@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (DAUrb) –  
[mundo.dick@gmail.com](mailto:mundo.dick@gmail.com)

### 1. APRESENTAÇÃO

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel tem uma tradição de pesquisa tipológica na arquitetura, através do NEAB, Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira. Desde 1999, vêm sendo realizados estudos tipológicos da arquitetura tradicional das cidades da região sul do Rio Grande do Sul, tendo até o ano de 2016 um resultado de 13 cidades estudadas. Isso gerou um importante acervo da arquitetura dessas cidades, além do desenvolvimento das questões de classificação tipológica, através de uma metodologia própria. A FAUrb participa do projeto ProExt *Preservação de patrimônio edificado na fronteira Brasil Uruguai*, um trabalho conjunto entre o NEAB e o LABURB, Laboratório de Urbanismo. A inclusão da fronteira Brasil/Uruguai evidenciou tipos arquitetônicos com caráter próprio. Descobrir esses traços culturais na arquitetura de fronteira representou um importante avanço nos estudos tipológicos no sul do Brasil. O projeto contempla as cidades de Jaguarão (BR) e Rio Branco (UY), Chuy (BR) e Chuy (UY).

### 2. DESENVOLVIMENTO

A terminologia tipo em uma linguagem não especializada consiste em denominar um conjunto de qualidades comuns a determinado número de objetos. É sinônimo de gênero, quando se considera suas genealogias, ou seja, objetos com as mesma gênese têm os mesmos traços característicos. No campo arquitetônico é um conceito que descreve o esquema formal. É um exercício de leitura da paisagem urbana que reconhece estruturas perceptíveis e inteligíveis na experiência precedente de produção da cidade. (ARÍS, 2014).

Em arquitetura o conceito de tipo já havia sido vagamente discutido pelos arquitetos do Renascimento nos séculos XV e XVI. Mas apenas foi objetivamente definido por Quatremère de Quincy (Antoine Chrysostome Quatremère de Quincy, 1755—1849), escultor e teórico francês da arquitetura, durante o Iluminismo. A palavra tipo remete à ideia de algo que deva servir de esquema, ou marca, a um objeto ou grupo de objetos. Quatremère fez uma separação entre os conceitos de tipo e modelo. Um tipo não precisa ser igual ao outro, (tudo seria muito vago em um tipo) ao contrário do modelo, que é algo fixo, exato e que permite um processo de reprodução absoluto. (QUINCY, 1985). O tipo em si é uma abstração formal. Um princípio ordenador da forma arquitetônica, presente ao longo do curso da história da arquitetura, desde suas formas primitivas até suas construções mais complexas. (MONEO, 1975).

Gordon Cullen (1914—1994), arquiteto urbanista inglês, desenvolveu um método crítico de apreensão da cidade. O processo de desenho urbano necessitaria de uma participação afetiva mais intensa das pessoas. Desenvolveu tópicos práticos que orientariam tanto arquitetos quanto a população leiga, em relação a aspectos importantes da paisagem. Esses aspectos seriam facilmente identificados e filtrados pela ferramenta do desenho. O desenho é um procedimento cognitivo importante e, de certa forma, democrático. Os croquis — esquetes, traduzidos para o português —, feitos em campo, de maneira rápida, demonstrariam aspectos de destaque do ambiente, percebidos de maneira mais afetiva, estética, pelas pessoas. O bom desenho urbano apresentaria alguns tipos de efeitos, como, por exemplo, surpresas, revelações súbitas, mistério, contrastes visuais. Estes efeitos seriam perceptíveis e legíveis, fazendo uma alusão ao “vocabulário” do espaço urbano. (CULLEN, 1978).

Os efeitos, evidenciados pelo desenho, conferem qualidade para o projeto urbano. Sua apreensão poderia ser experimentada tanto por arquitetos, quanto por pessoas leigas. Numa aplicação mais contemporânea do método de Cullen, faz-se também uso de fotografia. Ambos são intencionados como ferramentas de apreensão da arquitetura. A participação emocional dos usuários orientaria o roteiro, de maneira geral. Porém Cullen desenvolve certos tópicos mais objetivos no processo de apreensão da forma urbana.

Cullen adota o conceito de *visão serial*, que demonstra a sequencialidade do ambiente da cidade, onde elementos construídos, ao se sobreporem, vão constituindo a paisagem urbana. As forças comunicativas — a dimensão *semântica* da arquitetura — são percebidas pelas pessoas, mas também podem ser construídas pelo projeto de arquitetura ou de urbanismo. Os efeitos de “mistério”; “conforto”; “vista privilegiada”; “contrastes”: urbano-rural, exterior-interior, alto-baixo; são algumas das forças destacadas pelo método que fazem uma fusão dos aspectos sensíveis e inteligíveis da paisagem urbana. (CULLEN, 1978).

### 3. RESULTADOS

O projeto ProExt *Preservação do patrimônio edificado na fronteira Brasil Uruguai* está em fase de conclusão. Num primeiro momento foram realizadas visitas exploratórias às cidades, pela equipe do projeto. Essas expedições, realizadas entre 2016 e 2017, oito no total, com transporte de apoio da Universidade, permitiram uma experimentação do ambiente arquitetônico das cidades. O *corpo* da Universidade pôs-se rumo a fronteira mais meridional do Brasil, as cidades do Chuí e Chuy, (exatos 260 km, medidos pelo *Google Maps* a partir da Rua Benjamin Constant, em Pelotas, rumo à Av. Internacional Uruguai-Brasil) territórios inéditos para a FAUrb. Da mesma forma se realizaram visitas as cidades de Jaguarão e Rio Branco, objeto de estudos da Universidade desde fins dos anos 1980.

Em ambas as cidades fizeram-se registros fotográficos e anotações gráficas em cadernetas e blocos. Seguiram-se percursos determinados por orientação prévia da equipe. Em campo, adotou-se a ferramenta de apreensão subjetiva do ambiente da cidade, o método de Cullen. A equipe consistiu em alunos de graduação em arquitetura e urbanismo, bolsistas do projeto, e os professores orientadores. A metodologia de apreensão do ambiente da cidade, através da fotografia e do desenho funcionou como uma ferramenta cognitiva que filtrou e identificou características do ambiente.

Numa segunda etapa, organizaram-se oficinas nessas cidades, objetivando alcançar públicos diferenciados e de ambos os países. As oficinas tinham como objetivo orientar o processo do olhar para as questões tipológicas da arquitetura, e seu valor patrimonial. As oficinas se realizaram em Junho e Julho de 2017, primeiro no Chuí, em duas terças-feiras, e depois em Jaguarão, também em duas terças-feiras.

Na cidade do Chuí compôs-se um grupo misto, com alunos da rede pública do ensino estadual. A faixa etária variou desde os pequenos, dos primeiros anos do Currículo Escolar, aos alunos mais velhos já em processo de conclusão do Ensino Médio. As crianças em processo de alfabetização experimentaram as oficinas de maneira mais lúdica, dentro da sala de aula, utilizando o processo de colagem, de maneira artesanal. Já os alunos do último ano do Ensino Médio, compuseram um grupo fictício com representantes da administração pública do Chuy Uruguio, além dos professores da rede. Estabeleceu-se um debate interessante nesse grupo que foi mais versátil. A oficina teve duas etapas, uma primeira, de apreensão do ambiente, feita em campo com fotografia e croquis, onde se procurou pelos efeitos da paisagem propostas pela metodologia de Cullen. A metodologia foi previamente exposta pela equipe, de maneira mais simplificada. Depois, no segundo momento, se reuniu o material elaborado pelos alunos. Em conjunto, propôs-se um debate sobre as questões apresentadas e reconhecidas por cada usuário do espaço.

Em Jaguarão a mesma oficina foi realizada com alunos do IFSUL Campus de Fronteira, que possui a peculiaridade de ter uma turma mista, com alunos do Uruguai e do Brasil. Isso enriqueceu bastante o processo. Da mesma maneira foram realizados percursos de campo para a aplicação da metodologia em ambas as cidades, Jaguarão, e Rio Branco, divididos em dois grupos de alunos. Na segunda etapa da oficina houve a exposição dos resultados obtidos, promovendo-se também um debate acerca das questões do método e de questões técnicas mais específicas. Essa oficina contou com ex-alunos da Faculdade de Arquitetura, que atualmente lecionam disciplinas do curso de edificações. O processo foi mais produtivo, graças à familiaridade com as questões mais específicas da arquitetura.

#### 4. AVALIAÇÃO

A oficina propicia um ambiente de apreensão da forma da cidade, das tipologias tradicionais e chama a atenção para o aspecto de preservação da arquitetura consolidada, ou em processo de consolidação.

Na cidade do Chuí as questões de patrimônio foram percebidas de modo muito vago. O método orienta “o olhar” da população, tanto para aspectos negativos, quanto para aspectos qualitativos do espaço urbano, que as vezes passam despercebidos.

A construção de uma mentalidade coletiva em relação à cidade e ao seu patrimônio, construída junto com a comunidade é um dos objetivos do projeto. É papel da Universidade, com seu corpo técnico, orientar, tanto os setores técnicos dessas cidades, quanto a população em geral, principalmente os mais jovens. As crianças da oficina do Chuí demonstraram bastante motivação. Foi uma experiência interessante. Eles podiam claramente perceber, mesmo que intuitivamente, questões discutidas pelo *corpo* da academia. A ideia está lançada, sem dúvidas, principalmente entre os menores. Já os alunos maiores, do Ensino Médio, puderam estabelecer um debate mais detalhado, trazendo à mesa questões de seus cotidianos, principalmente os problemas das cidades

(lembrando o caráter de fronteira e correlação, Chuí e Chuy). Falaram sobre suas experiências, a vivência do espaço urbano, e mostraram-se surpresos diante das questões mais objetivas, como a inclusão de determinadas tipologias como requisitos para a preservação patrimonial. Esses alunos precisaram experimentar um olhar mais orientado acerca desses tópicos para que pudessem formular um juízo mais definido sobre as questões patrimoniais.

Em Jaguarão, onde a Universidade está mais intensamente inserida, desde o final dos anos 1980, pode se perceber um panorama diferente. Enquanto no Chuí ainda há muito a ser construído, em Jaguarão já se tem um campo muito mais fértil. A cidade teve seu conjunto arquitetônico tombado pelo IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 2011, num conceito de tombamento que leva em consideração não apenas edifícios isolados, mas o *caráter* da paisagem como um todo. Os alunos do curso técnico em edificações puderam já trabalhar com questões específicas, tanto do projeto, quanto da apreensão da paisagem urbana. Em outras palavras, possuíam um olhar mais direcionado, e treinado. Os resultados gerais foram mais consistentes nesse sentido.

\*\*\*

Encerradas as oficinas em campo, há um arquivo de imagens que ilustram diferentes tipologias identificadas pelos alunos. A etapa de trabalho desenvolveu também o tratamento desse material e assim apontará para as conclusões e relatórios. Espera-se elaborar ferramentas de classificação da arquitetura, principalmente, bem como enfrentar questões de políticas de preservação. Pretende-se junto a comunidade elaborar diretrizes futuras, com a inclusão de aspectos da paisagem urbana apreendidas nesse processo, em meios de planejamento municipal. Também se cogita orientar os setores técnicos em suas demandas e ações específicas (restauros, por exemplo), ou outras intervenções vinculadas ao patrimônio construído.

Recentemente a equipe pode também participar do encontro *Fronteras Culturales 2017*, realizado na cidade de Rivera (Uy), limite seco com Santana do Livramento (Br). O evento contou com a participação de membros de entidades públicas e civis, envolvidos com a temática fronteiriça. A equipe ProExt relatou as oficinas apresentadas neste texto. O encontro demonstrou a importância da Universidade nesse campo, a qual já está inserida há bastante tempo, além de ser um tema cada vez mais dedicado por diferentes áreas de ação na contemporaneidade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÍS, Carlos Martí. **Las variaciones de la identidad: ensayo sobre el tipo en arquitectura**. Barcelona, Fundación Arquia, 2014.

CULLEN, Gordon. **El paisaje urbano: tratado de estética urbanística**. Barcelona, Editorial Blume, 1978.

MONEO, Rafael. On typology. **Oppositions**. New York, v.13, p.22-44. 1978.

QUINCY, Quatremère de. **Dizionario storico di architettura**. Venezia, Marsilio Editori, 1985.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo Martins Fontes, 2010.